Por que a graça é importante em uma comunidade do convênio?

"E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, [p]ara louvor da glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado"

Efésios 1:5-6

O conhecimento

As pessoas geralmente pensam na graça de Deus como uma dádiva individual. No entanto, quando Paulo e os outros apóstolos do Novo Testamento escreviam para as várias igrejas que haviam ajudado a estabelecer em suas viagens missionárias, descreviam frequentemente a obtenção da graça de Jesus Cristo como uma meta, não apenas para os indivíduos, mas também para toda a comunidade do convênio, obter e alcançar juntos. Diferentemente da maioria das concepções modernas de graça, Paulo e seus irmãos entendiam a "graça" como o estabelecimento de relacionamentos recíprocos entre doadores e receptores de grandes bênçãos e sacrifícios (essa perspectiva antiga da graça é consistente com as crenças dos santos dos últimos dias atualmente). Portanto, a graça era uma necessidade fundamental para a igreja cristã primitiva, pois Jesus ofereceu, por meio de Sua graça, uma chance para que indivíduos e comunidades fossem salvos da morte física e espiritual.

Embora a graça (charis em grego) pudesse ser experimentada em um nível pessoal, à medida que os indivíduos se convertiam e depois faziam e guardavam convênios com o Senhor, ela também deveria ser experimentada como uma comunidade

inteira de convênios. Paulo faz referência a esse aspecto da graça várias vezes ao longo de suas epístolas. Receber a charis de Deus criava obrigações para os membros da comunidade do convênio não apenas para com Deus, mas também para com a comunidade. Brent J. Schmidt observou como, nas cartas de Paulo, a graça podia ser recebida em um convênio de três vias entre o indivíduo, Deus e a igreja. Esse convênio, por fim, permite que sejamos "adotados" como filhos de Jesus Cristo, algo estritamente possível pelo "beneplácito de sua vontade, para louvor da glória da sua graça" (Efésios 1:5-6). E, uma vez que somos todos filhos deste convênio, estamos em "relacionamentos de ligação" com Cristo "de acordo com as antigas convenções associadas à charis".

Esses relacionamentos obrigatórios exigem que vivamos como Ele viveu e ajudemos os outros membros desta família do convênio. Algumas das obrigações que os membros devem mostrar à comunidade incluem (1) fidelidade ou lealdade mútua, bem como (2) demonstrar gratidão. E, conforme observado por Schmidt, "a gratidão e o amor a Deus", que são pedidos a todos os crentes fiéis, "também exigem que se ame o próximo". Essa doutrina é expressa em todo o Novo Testamento, talvez mais notavelmente no Sermão da Montanha, quando Jesus nos ordenou amar a todos, até mesmo nossos inimigos: "Amai vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem" (Mateus 5:44).Outro aspecto das obrigações comunitárias derivadas da charis envolve servir ao próximo. Ao longo de suas epístolas, Paulo frequentemente encorajava os santos a doar bens e dinheiro aos santos em Jerusalém, que estavam passando por uma grande fome. A natureza recíproca disso é expressa em 2 Coríntios 8:14: "Mas para igualdade; neste tempo presente, a vossa abundância supra a falta dos outros, para que também a abundância deles supra a vossa falta, para que haja igualdade". Ao ajudar os santos em Jerusalém neste período conturbado, os santos de Corinto poderiam ter certeza de que, se estivessem em necessidade, também seriam cuidados pelos santos em Jerusalém e de outras cidades.

Além disso, em relação ao esforço de arrecadação, Paulo ensinou: "Que o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará" (2 Coríntios 9:6). Ou seja, aqueles que dão aos outros apenas com moderação em seu momento de necessidade, podem esperar receber pouco em troca. "E assim como Deus dá graça", observa Schmidt, "seus discípulos recebem e espera-se que façam boas obras e construam comunidades por conta própria". Ao ajudar os santos de Jerusalém em seu momento de necessidade e angústia, os santos de Corinto seriam abençoados temporal e espiritualmente por Deus e por outros, "porque Deus ama ao que dá com alegria" (2 Coríntios 9:7). De fato, "os atos de caridade dos coríntios para com os que são de Jerusalém são manifestações de sua charis com Deus". Além disso, Paulo solicitou pessoalmente a ajuda dos santos ao longo de suas epístolas. Quando visitava cidades, muitas vezes impossibilitado de trabalhar para viver em suas missões, Paulo contava com a bondade dos santos para cuidar dele de acordo com suas necessidades temporais. Conforme perguntou aos coríntios: "Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnais?" (1 Coríntios 9:11). Por serem receptores de tal conhecimento sagrado que os levou a conhecer a Deus, Paulo pede aos santos que, em troca, cuidem dos missionários viajantes, incluindo ele mesmo. Esse pedido é facilmente compreendido quando colocado em seu devido contexto de convênios recíprocos de graça.

O porquê

A compreensão da natureza recíproca e comunitária da graça ajuda a explicar por que o Novo Testamento está repleto de admoestações exortando os membros da Igreja a promover relacionamentos amorosos e unidade dentro de cada congregação de santos. Esse aspecto de pertencer ao rebanho de Cristo também está presente no Livro de Mórmon. Em Mosias 18, quando Alma estava pregando nas Águas de Mórmon, ele ensinou o princípio da graça em relação ao aspecto comunitário do convênio batismal:

E aconteceu que ele lhes disse: Eis aqui as águas de Mórmon (pois assim eram chamadas); e agora, sendo que desejais entrar no rebanho de Deus e ser chamados seu povo; e sendo que estais dispostos a carregar os fardos uns dos outros, para que fiquem leves; [s]im, e estais dispostos a chorar com os que choram; sim, e consolar os que necessitam de consolo

e servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares em que vos encontreis, mesmo até a morte; para que sejais redimidos por Deus e contados com os da primeira ressurreição, para que tenhais a vida eterna (Mosias 18:8–9).

Vários versículos depois, aprendemos que essa incipiente comunidade do convênio estava "[cheia] da graça de Deus", em conexão com o cumprimento desses convênios (Mosias 18:16). Para aceitarem plenamente a graça de Deus em suas vidas, precisavam de demonstrar através das suas ações a Deus e uns aos outros que estavam dispostos a compartilhar essa graça com outras pessoas. A graça de Jesus Cristo, embora certamente importante em um nível individual, também é experimentada coletivamente – quando os filhos de Deus se reúnem, fazem convênios que os impelem a cuidar uns dos outros e servir uns aos outros. Essa tem sido a ênfase de Jesus Cristo e Seus profetas ao longo de cada dispensação. Ao aceitar a graça de Deus em nossas vidas, ela nos ajudará a nos tornarmos melhores e vivermos vidas mais santas, tanto individual quanto coletivamente. Isso se manifesta especialmente quando espalhamos o dom da graça a outros. Como o próprio Jesus ensinou: "Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mateus 25:40).

Leitura complementar

Brent J. Schmidt, Relational Grace: The Reciprocal and Binding Covenant of Charis (Provo, UT: BYU Studies, 2015), pp. 87–114.

© Central do Livro de Mórmon, 2023

Notas de rodapé

1. Para saber mais sobre o ponto de vista de Paulo sobre a graça, ver o artigo da Central do Livro d Mórmon, "O que a graça significava para Paulo? (Romanos 3:23–24)", KnoWhy 683 (15 de agosto de 2023); Brent J. Schmidt, Relational Grace: The Reciprocal and Binding Covenant of Charis (Provo, UT: BYU Studies, 2015), pp. 87–114.
2. Schmidt, Relational Grace, pp. 92–93.
3. Para saber mais sobre o ponto de vista de Paulo sobre a fé, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Como Paulo entendia a fé? (Romanos 9:30)", KnoWhy 684 (25 de agosto de 2023).
4. Schmidt, Relational Grace, p. 102.
5. Schmidt, Relational Grace, p. 93.
6. Schmidt, Relational Grace, p. 93.
7. Ver, por exemplo, Romanos 15:1-6; Gálatas 6:10; Efésios 4:25-5:5; Filipenses 2:4; Colossenses 3:5-17; 1 João 3:16-17; 4:11; 1 Pedro 3:8-9.
8. Curiosamente, análogo ao pedido de Paulo por ajuda temporária como missionário itinerante, o Livro de Mórmon menciona a graça em conexão com os trabalhos dos sacerdotes: "pelo seu trabalho, receberiam a graça de Deus" (Mosias 18:26). Em outras palavras, eles normalmente só deveriam receber a graça de Deus — e não ajuda monetária ou substância física — para seus esforços ministeriais. No entanto, quando o assunto é abordado mais tarde na terra de Zaraenla, houve exceções para sacerdotes e mestres que realmente precisavam de ajuda (como certamente Paulo): "Sim, e para que todos os seus sacerdotes e mestres trabalhassem com as próprias mãos para prover o seu sustento em todas as circunstâncias, a não ser em caso de doença ou de grande necessidade; e assim fazendo, receberam a graça de Deus copiosamente. (Mosias 27:5).